



16306 - Agrofloresta enquanto espaço educativo: a experiência do grupo Gira-sol

Forest garden as an educational space: the Gira-sol's group experience

SANTOS, Isabelle S.¹

¹ Universidade Estadual Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, beverte@riseup.net.

Resumo: O coletivo Gira-sol é um grupo de extensão em Agroecologia, atuante desde 2010 na UNESP de Rio Claro – SP, onde foi implantado um Sistema Agroflorestal. Alunos, professores e funcionários da Universidade interagem com o SAF, utilizam de seus produtos, frequentam a área e participam de mutirões. Além disso, o grupo oferece oficinas e recebe visitas de crianças e adolescentes, e realiza parcerias com outros projetos de extensão e com agricultores da região. Para aprimorar as visitas, o grupo está adaptando o SAF em um sítio demonstrativo com fins educativos. Para isso estão sendo confeccionadas placas, trilhas, materiais didáticos e dinâmicas de grupo. Com as visitas, alguns atributos do SAF que interessam aos visitantes foram as sementes crioulas e o telhado verde. Através de nossa experiência enxergamos o SAF enquanto um espaço diferenciado, que possibilita a aproximação das pessoas do ambiente urbano da realidade do campo e da produção de alimentos, além de como um espaço que amplia nossas possibilidades motoras, criativas e de interdisciplinaridade.

Palavras-chave: Extensão, sítio demonstrativo, educação ambiental

Abstract: The Gira-sol collective is an group of extension in Agroecology, that acts since 2010 in UNESP Rio Claro – SP, where a Forest Garden was implanted. Students, teachers and University workers interact with the Forest garden, use its products, visit its area and participate in the collective work. Besides, the group offers workshops and receives visits from children and teenagers, makes partnership with other extension projects and with the local producers. In order to improve this visits, the group is adapting the Forest garden in an demonstrative site with educational purpose. For that, signal boards, trails, didatic materials and group dynamics are been constructed. With the visits, some attributes of the forest garden wich made the visitors interested were the natural seeds and the green roof. Trought our experience we see the forest garden as an differential space wich makes possible that people from the urban environment approach the agriculture reality, also as a space that expand our phisical and criative possibilites and our interdisciplinarity.

Keywords: extension, demonstrative site, environmental education

Introdução



Vivemos hoje uma situação de monoculturas da mente, em paralelo ao processo de monocultura da Terra (SHIVA, 2003). Esse processo se deu pela imposição de um modelo hegemônico de produção e de modo de vida. Para que ele não exaure as outras possibilidades existentes, é preciso tomar consciência de que “As alternativas existem, sim, mas foram excluídas. Sua inclusão requer um contexto de diversidade. Adotar a diversidade como uma forma de pensar, como um contexto de ação, permite o surgimento de muitas opções” (SHIVA, 2003).

Acreditamos que outras formas de educação e de produção agrícola, que incluem a retomada de saberes tradicionais e a não aceitação dos modelos e pacotes impostos, é essencial para os povos do Terceiro Mundo e dos países tropicais, tanto para que não se percam suas culturas quanto a riqueza de seus ecossistemas. Essas alternativas por ela citadas são a chave para a descolonização em seu sentido mais profundo, ou seja, o processo de impedir que o imperialismo político econômico extermine com as culturas dos países colonizados.

Tendo isso em vista, enxergamos a agrofloresta enquanto um espaço de aprendizado, no qual interagimos com o ecossistema local e buscamos não exauri-lo, como faz a agricultura industrial moderna, mas sim enxergar e criar práticas condizentes com ele, que não apenas extraíam seus produtos, mas também contribuam para intensificar sua recuperação e diversificação. Nesse processo, acabamos também por refletir sobre nossas identidades e questionar o conceito hegemônico de desenvolvimento.

O coletivo Gira-sol é um grupo de extensão em Agroecologia, que surgiu na UNESP de Rio Claro em 2007. O grupo inicialmente desenvolveu o reflorestamento com base agroecológica da mata ciliar do Córrego Bandeirantes, porém não foi bem sucedido devido aos diferentes interesses relativos a essa área, como seu uso para pastagem por moradores da região. Visto isso, foi escolhida uma nova área para trabalhar, e desde 2010 atuamos nessa área localizada dentro do Campus, pertencente ao Instituto de Biociências, na qual implantamos um Sistema Agroflorestal(SAF). Nela, implantamos diferentes técnicas de SAF, além de realizar compostagem e construir diversas estruturas de Bioconstrução e Permacultura, como telhado verde e geodésica. Ele fornece, assim, a oportunidade para que nós possamos ter experiência e desenvolver conhecimentos sobre agricultura agroecológica e permacultura, que de outra maneira não estariam acessíveis em nosso cotidiano.

Os objetivos gerais do projeto são estudar, praticar e difundir o plantio Agroecológico. Para tanto, são praticadas e difundidas diversas atividades com alunos, professores e funcionários da Universidade, que interagem com o SAF, utilizam de seus produtos, frequentam a área e participam de mutirões. A difusão para agricultores, atualmente, se dá através de uma rede informal de consumo agroecológico direto dos produtores, uma vez que nos empenhamos em divulgar a



feira organizada pelos Agricultores locais e basear nossa alimentação nos produtos por eles fornecidos. Além disso, oferecemos oficinas em escolas e eventos e recebemos visitas na agrofloresta, o que contempla a difusão do nosso trabalho para crianças e adolescentes.

Recentemente, o grupo amadureceu a idéia de tornar o SAF um sítio demonstrativo voltado para práticas educativas. Em parceria com outros projetos de extensão da Universidade (Semente Viva, Escola no Campus, Cambará e Oro Ari), recebemos visitas de crianças de turmas escolares e projetos educacionais, e para isso adaptamos a agrofloresta e as outras estruturas permaculturais por nós construídas.

Metodologia

A área do SAF está compreendida no município de Rio Claro/SP, na província geomorfológica da Depressão Periférica Paulista, zona do Médio Corumbataí, em território originalmente (91%) coberta por Mata Atlântica (TEIXEIRA, 2013).

.Antes da implantação do SAF, a área em questão recebeu consideráveis depósitos de entulho de construção e era recoberta predominantemente por capim-braquiária. Para a adaptação do SAF em sítio demonstrativo, foram e estão sendo construídas placas com madeira, tinta e verniz. Essas placas indicam o nome das árvores e explicam de maneira acessível e sucinta os conceitos básicos envolvidos no SAF (Agrofloresta, Permacultura, Sucessão Ecológica, Vida do solo, Sementes Crioulas, etc) e o funcionamento de cada uma das estruturas (composteira, forno de barro, espiral de ervas). O intuito desses textos é que até mesmo as pessoas que adentrem no SAF sem o acompanhamento dos participantes do projeto(já que ele está localizado num espaço público) possam interagir e tomar alguma consciência da proposta ali presente.

Além disso, foram delineadas trilhas por entre os canteiros e núcleos agroflorestais, demarcados com troncos de arvores, que permitem que as pessoas circulem com segurança sem pisotear as plantas.

Também foi criada com uma caixa d'água um tanque que simula um ecossistema aquático, com plantas macrófitas, peixes, girinos e outros seres vivos aquáticos.

Outros grupos de extensão, em parceria conosco, desenvolveram maquetes que demonstram o processo de decomposição de diferentes materiais, que agora também faz parte do circuito pelo SAF. Estamos elaborando também atividades de artesanato com arte baseada na natureza, além de quadros que identificam sementes nativas.



Resultados

Com a adaptação do SAF em sítio demonstrativo, conseguimos desenvolver circuitos para percorrer com as pessoas visitantes. Essa estrutura já foi utilizada durante algumas visitas, e nesse processo estamos conseguindo detectar os trechos da área que mais chamam a atenção das visitantes, como o lago, o telhado verde, algumas das árvores nativas, como a peroba e a paineira, as roças e o forno de barro. Também observamos grande interesse e curiosidade das pessoas em relação às sementes crioulas, principalmente quando mostramos as variedades de milho colhidas de diferentes cores e tamanhos. Ao mesmo tempo, fazemos os plantios e a manutenção do SAF, o que nos traz aprendizados sobre as técnicas agroecológicas, as épocas de plantio, o manejo do solo, adubação verde, os estratos arbóreos e as necessidades de cada cultura.

Já para a Universidade, os principais usos do SAF por professores tem sido para aulas de botânica e pedologia. Diversos eventos realizados dentro dela foram estendidos para o SAF, seja para ilustrar conceitos de agroecologia e agricultura alternativa, para realizarmos círculos de conversa sobre soberania alimentar ou plantas alimentícias não convencionais, por exemplo, ou para realizar construções que utilizem materiais locais e naturais, como o bambu.

Outro resultado é a recente diversificação da fauna frequentadora do SAF, que já inclui por exemplo tucanos, corujas e um ninho de abelhas jataí.

Conclusões

A agroflorestra enquanto espaço educativo tem permitido que seus frequentadores tenham uma alternativa de educação que, diferente do sistema escolar e acadêmico convencional em geral:

- é realizada ao ar livre;
- incita a atividades práticas relacionadas a necessidades cotidianas da sociedade, como alimentação, atividade física, construção de paredes de adobe, fornos, bancos, brinquedos, produção de adubo, extração de ervas medicinais e temperos.
- permite visualizar concretamente uma alternativa à devastação ambiental, ao agronegócio e à urbanização tal qual a conhecemos;
- rompe com a alinação para com a origem dos alimentos;
- desfaz a dicotomia cidade x campo, uma vez que aproxima pessoas do contexto urbano da produção de alimentos e do contato com saberes tradicionais;
- desfaz também a dicotomia mente x corpo, uma vez que o aprendizado com a agricultura agroecológica se dá por uma atividade física e prática teoricamente embasada;



- permite a experimentação com agricultura, uma vez que muitas nós, participantes do projeto, nos identificamos enquanto “neo campesinato”(envolvidas com a busca pelo êxodo urbano) ou nos interessamos por trabalhos de assistência técnica para agricultores. A maioria de nós tem origem e ou cotidiano predominantemente urbano e desconectado da realidade do campo, e, além de compreensão teórica, precisamos de vivências que nos aproximem deste para realizarmos nossos projetos como pessoas e profissionais.

Por isso, concluímos que ainda há muito mais possibilidades possíveis para utilizar as agroflorestas enquanto ambiente de aprendizado, como observações, conversas, mutirões, plantios, dinâmicas e brincadeiras, as quais estamos começando a utilizar. Acreditamos que essa prática tem potencial enriquecedor tanto enquanto formação integral das pessoas, que encontram nela possibilidade de exercitar o corpo, compreender questões políticas, econômicas e biológicas, quanto para aquelas que especificamente buscam se aprofundar na agricultura agroecológica e no cultivo de agroflorestas tropicais.

Referências Bibliográficas

SHIVA, V. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia – São Paulo**, Gaia, 2003.

TEIXEIRA, V. **Avaliação de tributos do solo e vegetação em sistema agroecológico**. Trabalho de conclusão de curso (Ecologia) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Rio Claro, 2013